

Implicações de uma análise linguística variacionista a partir de uma perspectiva discursivo-pragmática: um estudo inicial sobre o futuro no português brasileiro

Priscila Teixeira Matos¹
Rogéria Tarocco dos Santos²

RESUMO: O presente trabalho investiga a expressão de futuridade no português brasileiro. Temos como objetivo verificar as implicações teóricas de uma análise pautada na Sociolinguística Variacionista, levando em consideração, nesse sentido, aspectos discursivo-pragmáticos. Com base em um confronto teórico entre as postulações de Labov (1972) e Lavandera (1978), analisamos dados de fala que compõem o *corpus* NURC/RJ a fim de avaliar se haveria equivalência semântica entre as variantes avaliadas. Conforme demonstramos, a realização de uma análise qualitativa – paralelamente à análise quantitativa efetuada – torna-se extremamente relevante quando pretendemos tratar a ocorrência da variação linguística sob a perspectiva discursivo-pragmática.

PALAVRAS-CHAVE: Futuridade no português brasileiro; Sociolinguística Variacionista; Equivalência semântica; Variação discursiva.

ABSTRACT: This paper studies ways of expressing future in Brazilian Portuguese. The aim here is to verify the theoretical implications of an analysis guided by Variationist Sociolinguistics, taking into consideration, therefore, discursive-pragmatic aspects. Based on the theoretical confrontation between the ideas postulated by Labov (1972) and Lavandera (1978), it was analyzed some speech data which were taken from the *corpus* NURC/RJ, in order to investigate if there is semantic equivalence among the selected variants. As it was demonstrated, the qualitative analysis – parallelly with a quantitative analysis performed – becomes extremely relevant when we intend to discuss about the occurrence of linguistic variation from the discursive-pragmatic perspective.

KEY-WORDS: Futurity in Brazilian Portuguese; Variationist Sociolinguistics; Semantic equivalence; Discursive variation.

Introdução

Trabalhos desenvolvidos sobre a perspectiva da Sociolinguística Variacionista são muito utilizados quando se deseja aferir a variação entre fonemas de uma língua, mas, quando se trata de analisar níveis gramaticais mais altos, como, por exemplo, o sintático e o discursivo, são observadas restrições teórico-metodológicas, como aponta Freitag (2009).

As principais implicações levantadas por Freitag (*op. cit.*) para um estudo variacionista nesses níveis são: a frequência, a equivalência semântica e a necessidade de interface teórica.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora / MG - priscilatmatos@yahoo.com.br

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora / MG - roccatarocco@gmail.com

A primeira implicação aponta a dificuldade de se aferir a frequência quando se trata de fenômenos semântico-discursivos e discursivo-pragmáticos, uma vez que eles são menos frequentes.

A segunda implicação gira em torno da definição laboviana de variante. Para Labov (1972), variantes são duas ou mais formas de dizer a mesma coisa no mesmo contexto. Essa definição é contestada por Lavandera (1978), que sugere a ampliação da condição de mesmo significado para comparabilidade funcional (mesma função), ou seja, estruturas apresentam a mesma função comunicativa, mas não necessariamente o mesmo significado.

A última implicação aponta a necessidade de interface teórica. Quando uma análise dos níveis gramaticais mais altos não pode ser explicada apenas com base nos dados quantitativos, Freitag (*op. cit.*) propõe uma análise qualitativa integrada, como também uma interface com outras teorias linguísticas. A autora aponta a interface como uma forma de não reduzir a análise variacionista à mera contagem de ocorrências.

Além das implicações apontados por Freitag (*op. cit.*) há também outros problemas, como apontam Milroy e Gordon (2003 *apud* Freitag, 2009), de uma análise linguística para além da fonologia, a saber: aplicabilidade do conceito de variável linguística, dificuldade para especificar os fatores atuantes na determinação das variantes e de que forma variantes sintático-discursivas podem ser consideradas como equivalentes.

Assim, a fim de verificarmos se as mesmas implicações encontradas Freitag (*op. cit.*) em seu estudo sobre o passado imperfectivo no português são também encontradas em um estudo sobre o futuro, iniciamos um trabalho com algumas das formas usadas no português brasileiro falado. Dessas implicações, focalizaremos o problema da equivalência semântica.

No português brasileiro, há dois tempos verbais (futuro do presente e futuro do pretérito) no modo indicativo para expressar futuridadade e um no modo subjuntivo (futuro do presente), além das formas futurizadas (presente-futuro; e formas perifrásticas: ir + infinitivo, estar para + infinitivo, ter de/que + infinitivo, haver de + infinitivo e querer/poder/dever + infinitivo), porém, por se tratar de um trabalho inicial, elegemos apenas algumas dessas formas, a saber: o futuro do presente do modo indicativo, a perífrase de futuro (ir + infinitivo) e o presente com idéia de futuro (doravante, presente-futuro).

Com o objetivo de aferir o fenômeno da variação na expressão de futuridade no português brasileiro falado, selecionamos os dados disponíveis no *corpus* do Projeto NURC/RJ. Foram analisadas aproximadamente 120 mil palavras dos 26 inquiridos coletados na década de 1990.

À luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (cf. Labov, 1972), buscamos identificar quais são os fatores que condicionariam o uso de cada uma das variantes. Assim, elencamos fatores que consideramos relevantes e submetemos os dados ao programa estatístico Varbrul.

O trabalho está organizado em cinco seções. Na primeira, apresentaremos um breve histórico dos principais conceitos teóricos da Sociolinguística Variacionista, como também a questão levantada por Lavandera (1978) em relação à existência ou não de equidade semântica entre as variantes linguísticas. Em seguida, faremos um levantamento de alguns dos trabalhos já realizados sobre futuridade no português brasileiro. Como se observará, não há trabalhos sobre essa temática com base no aporte teórico-metodológico de Sociolinguística Variacionista. Em um terceiro momento, caracterizaremos o *corpus* que serviu de base para a pesquisa realizada. Posteriormente, apresentaremos as análises quantitativa e qualitativa dos dados. Por fim, buscaremos mostrar que uma abordagem meramente quantitativa não é suficiente quando se trata da análise do fenômeno da variação nos níveis discursivo-pragmáticos, sendo necessária uma análise qualitativa complementar.

1 Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação: principais conceitos teóricos

A Sociolinguística Variacionista é uma área da Linguística que estuda a língua em seu real contexto de uso e tem como objeto a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Para isso, são considerados, além de fatores linguísticos, fatores sociais e culturais que podem exercer papel relevante na produção linguística. Para esta corrente, a língua é considerada uma instituição social, de modo que não deve ser vista como uma estrutura autônoma, que independe do contexto e da situação na qual se realiza.

Diante das ideias defendidas pelos gerativistas, que se interessavam apenas em estudar a língua em seus aspectos formais, surgiu a necessidade de se preencher o vazio deixado até esse

momento. Nesse sentido, surgiram estudos que tinham como finalidade priorizar fatores sociais, culturais e psíquicos que interagiriam com o fenômeno da linguagem.

A Sociolinguística Variacionista surgiu durante a década de 1960, a partir dos estudos de William Labov sobre mudanças em progresso no inglês na ilha de Martha's Vineyard (1963) e na cidade de Nova York (1966). Também outros autores como Gumperz, Dell Hymes e Gauchat colaboraram, com seus trabalhos, para o desenvolvimento dessa nova corrente. A análise sociolinguística buscava, com os trabalhos desses autores, rever a idéia – que prevalecia até então – de que a mudança linguística não poderia ser estudada em curso, mas apenas ao ser concluída.

Seguindo os pressupostos estabelecidos por Labov (1972), Mollica (2003, p. 10) afirma que “a variação constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas *variantes*”. Essas variantes, no entanto, podem permanecer estáveis num sistema, durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem ainda sofrer mudança. Quando isso acontece, uma das variantes desaparece, prevalecendo outras formas linguísticas. Vale ressaltar que nem sempre que há variação há mudança, porém, para que haja mudança, é necessário que haja a variação.

As variantes, ainda segundo Mollica (2003, p. 11), seriam “formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente”, que, para Labov, são ainda diferentes formas de se dizer a mesma coisa. O termo variável pode tanto se referir ao fenômeno em variação, o que denominamos *variável dependente*, quanto aos grupos de fatores que podem condicionar a variação, que chamamos, neste caso, de *variáveis independentes*. Monteiro (2000, p. 58) afirma que “as regras variáveis aplicam-se sempre quando duas formas estão em concorrência num mesmo contexto e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social”.

E, nesse sentido, dentro de um estudo, caberia ao próprio pesquisador definir sua variável dependente, que pode ser binária – composta por duas variantes – ou eneária – com três ou mais variantes. A variável dependente analisada neste trabalho pode ser considerada eneária, pois consideramos três variantes, a saber: a) o futuro do presente do modo indicativo; b) a perífrase de futuro (ir + infinitivo); c) presente-futuro.

No modelo tradicional de variação proposto por Labov (1972), vemos que o autor desconsidera a variação discursiva, visto que parte do princípio de que haveria uma igualdade semântica entre as variantes. Em outras palavras, o autor acredita que variantes concorrentes

possuem o mesmo valor semântico, e o que determinaria a escolha do falante acerca da variante a ser usada seriam apenas fatores sociais e linguísticos relacionados à variável dependente. Veremos, nesta pesquisa, que esta visão pode não dar conta de todos os fenômenos de variação, se for levado em conta o discurso no fenômeno da variação.

Seguindo esta perspectiva e diante dos objetivos de nosso trabalho, adotaremos também algumas considerações de Lavandera (1978) para nos ajudar a refletir se há ou não equidade semântico-discursiva entre as variantes. Segundo a autora, a equivalência semântica apontada por Labov (1972) é questionável, visto que o pesquisador trabalhou com a variação fonológica, propícia a fomentar a noção de que há equidade semântica entre variantes que coocorrem em um mesmo contexto. No entanto, a autora afirma que, ao partir para níveis mais altos de variação, tal premissa não se aplica, já que unidades que vão além da fonologia como morfemas, itens lexicais e construções sintáticas possuem em sua essência um significado, enquanto os fonemas, por outro lado, não possuem informação referencial.

Desta forma, buscaremos integrar os estudos que se seguem à vertente laboviana e às considerações de Lavandera (*op. cit.*) a fim de analisar mais precisamente os dados encontrados sobre as realizações de futuro, as quais abordaremos neste trabalho.

2 Estudos sobre o futuro: a falta de um trabalho variacionista

No português brasileiro contemporâneo, o futuro pode ser expresso por marcas morfológicas ou por formas futurizadas.

As marcas morfológicas se referem às desinências modo-temporais de futuro acrescentadas aos radicais dos verbos. No modo indicativo, temos: o futuro do presente (simples: estudarei; composto: terei/haverei estudado) e o futuro do pretérito (simples: estudaria; composto: teria/haveria estudado); e, no modo subjuntivo, o futuro do presente (simples: estudar; composto: tiver/houver estudado).

As formas futurizadas são aquelas que utilizam o presente para expressar o futuro: presente-futuro (“Pode deixar, eu faço o serviço amanhã”); e formas perifrásticas: ir + infinitivo (“Eu vou fazer o serviço”); estar para + infinitivo (“Estou para fazer o serviço”), ter de/que + infinitivo, haver de + infinitivo (“Eu hei de casar”) e poder/dever + infinitivo (“Oi deve lançar

TV paga via satélite até o início de 2009” / “Pensar o que pode acontecer com os países africanos que têm, nos biocombustíveis, possivelmente, a grande chance do século XXI”³).

Dos trabalhos realizados sobre a expressão de futuridade no português brasileiro, destacaremos os empreendidos por Silva, (1997), Barbosa (2007) e Ferrari & Alonso (2009). Como se observará, nenhum deles utiliza o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista.

O trabalho de Silva (*op. cit.*) é de natureza textual-discursiva. O autor verificou que as formas futurizadas (perífrases e presente-futuro) apresentam alta frequência no português falado e, nesse caso, o valor de posteridade estabelecido pela forma perifrástica seria de natureza mais psicológica do que cronológica.

O trabalho de Barbosa (*op. cit.*) faz uma comparação entre dados de fala e escrita, utilizando como *corpora* pronunciamentos e discursos de autoridades de governo e cartas-discursos da década de 90. A autora constatou que as formas morfológicas são favorecidas por contextos formais e injuntivos, enquanto as formas futurizadas pelo discurso espontâneo, não-diretivo.

Por fim, o trabalho de Ferrari & Alonso (*op. cit.*) utiliza como aporte teórico a gramática das construções e a teoria de espaços mentais para mostrar que as perífrases de futuro são mais subjetivas do que as construções de futuro morfológico. As autoras também estabelecem uma rede construcional, na qual a forma perifrástica *ir + infinitivo* é a forma mais gramaticalizada. As autoras apontam também que a perífrase apresenta um uso mais subjetivo em relação ao do futuro do presente, uma vez que naquele o falante se projeta no discurso, apresentando sua visão em relação à realidade.

Apesar das boas contribuições deixadas por esses trabalhos, nenhum deles tem assumido os pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Assim, o presente trabalho pretende contribuir para o preenchimento desta lacuna.

3 Metodologia

Para realizar nossa investigação, utilizamos o acervo do Projeto NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro)⁴. Este *corpus* é constituído de entrevistas gravadas

³ Os exemplos de poder/dever + infinitivo foram retirados de Ferrari & Alonso (2009).

nas décadas de 70 e 90 do século XX, num total de 350 horas, com informantes com nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais, preferencialmente, cariocas. As gravações foram realizadas tanto com falantes do sexo feminino quanto do sexo masculino e divididas em 4 faixas etárias: de 25 a 35 anos, de 36 a 55 anos, 56 em diante e de 74 a 80 anos. Esse mesmo projeto é desenvolvido em quatro outras cidades brasileiras: São Paulo, Recife, Salvador e Porto Alegre.

Visto que tínhamos como objetivo focar a língua portuguesa contemporânea, restringimos nossos dados apenas às entrevistas realizadas durante a década de 90, totalizando 26 inquéritos.

O *corpus* analisado é composto de aproximadamente 120 mil palavras, sendo destas aproximadamente 60 mil palavras retiradas de entrevistas realizadas com indivíduos do sexo feminino e 60 mil palavras com indivíduos do sexo masculino. Tal procedimento foi adotado pois, ao considerar o *sexo do falante* como uma das variáveis independentes, tornou-se necessário um equilíbrio entre os dados para não haver um enviesamento dos resultados.

Selecionamos como variável dependente a ser estudada a expressão de futuridade na língua portuguesa. Consideramos em nossas pesquisas três variantes linguísticas em relação ao fenômeno. Repetimo-las aqui: a) o futuro do presente do modo indicativo; b) a perífrase de futuro (ir + infinitivo); c) o presente-futuro.

Durante nossa análise, elencamos alguns fatores que poderiam condicionar o emprego de cada uma das variantes. Assim, identificamos sete variáveis independentes que poderiam estar associadas à variável dependente estudada, a saber: a) pessoa verbal; b) realização do sujeito; c) sujeito [+/- humano]; d) sujeito [+/- genérico]; e) presença ou ausência de marcador temporal; f) futuro real ou hipotético; g) sexo do falante.

Os dados encontrados foram submetidos ao programa estatístico Varbrul. A tabela a seguir apresenta os fatores que foram considerados relevantes na análise da variável dependente analisada, bem como os códigos utilizados na análise do programa:

⁴ Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>. Acesso em 15 de junho de 2010.

Quadro I – Grupos de fatores condicionadores analisados

| VARIÁVEIS INDEPENDENTES |
|--|
| A) PESSOA VERBAL |
| (1) Primeira pessoa do singular (2) Segunda pessoa do singular (3) Terceira pessoa do singular (4) Primeira pessoa do plural (5) Segunda pessoa do plural (6) Terceira pessoa do plural |
| B) REALIZAÇÃO DO SUJEITO |
| (a) SN pleno (b) Categoria vazia (c) Forma pronominal (d) Sujeito indeterminado (e) Oração sem sujeito |
| C) SUJEITO [+/- HUMANO] |
| (+) Sujeito + humano (-) Sujeito – humano (x) Não se aplica |
| D) SUJEITO [+/- GENÉRICO] |
| (0) + genérico (1) – genérico (2) Não se aplica |
| E) PRESENÇA OU AUSÊNCIA DE MARCADOR TEMPORAL |
| (P) Presença de marcador temporal (A) Ausência de marcador temporal |
| F) FUTURO REAL OU HIPOTÉTICO |
| (H) Futuro hipotético (R) Futuro real |
| G) SEXO DO FALANTE |
| (M) Sexo masculino (F) sexo feminino (N) Não se aplica |

Além de realizarmos uma análise quantitativa dos dados encontrados, a partir do programa estatístico Varbrul, empreendemos, ainda, uma análise qualitativa dos dados. Nossa intenção é, pois, identificar aspectos semântico-discursivos que pudessem complementar nossa pesquisa acerca da variação linguística na expressão de futuridade no português brasileiro.

4 Análise quantitativa dos dados

No *corpus* analisado, foram encontradas 267 ocorrências das variantes. Dessas, 28 ocorrências de futuro do presente – ou 11%; 225 de perífrase de futuro – ou 84%; e 14 ocorrências de presente-futuro – ou 5%. Como a amostragem é muito reduzida, não faremos aqui generalizações conclusivas; apenas descreveremos as ocorrências mais significativas para cada fator, apontando algumas tendências.

A primeira variável independente analisada foi a pessoa verbal⁵. A tabela abaixo mostra a distribuição das ocorrências obtidas para cada um dos fatores que constituem essa variável independente:

Tabela 1 – Pessoa verbal

| | FUTURO DO PRESENTE | | PERÍFRASE DE FUTURO | | PRESENTE-FUTURO | | Total de ocorrências |
|-----------------------------|--------------------|----|---------------------|-----|-----------------|----|----------------------|
| | N.º | % | N.º | % | N.º | % | |
| 1ª Pessoa do singular | 6 | 8 | 61 | 85 | 4 | 5 | 71 |
| 2ª Pessoa do singular | 0 | 0 | 14 | 82 | 3 | 17 | 17 |
| 3ª Pessoa do singular | 19 | 14 | 104 | 80 | 6 | 4 | 129 |
| 1ª Pessoa do plural | 0 | 0 | 25 | 100 | 0 | 0 | 25 |
| 2ª Pessoa do plural | 0 | 0 | 2 | 100 | 0 | 0 | 2 |
| 3ª Pessoa do plural | 3 | 13 | 19 | 82 | 1 | 4 | 23 |
| Total de ocorrências | 28 | | 225 | | 14 | | 267 |

Os resultados mostram que, quando o futuro é expresso pela perífrase, há ocorrência de todas as pessoas verbais. Por ser a forma mais frequente – aproximadamente 85% –, essa variante tem mais possibilidade de ser encontrada com todas as pessoas verbais. Já com o futuro do presente e com o presente-futuro, não tivemos ocorrências nem com a primeira nem com a segunda pessoa do plural. E apenas com o futuro do presente não tivemos ocorrências com a segunda pessoa do singular. Em todas as variantes, há um predomínio da terceira pessoa do

singular. Nesse sentido, esse fator não se mostrou relevante, pois não há um subfator que fomente o uso de uma ou outra variante.

A segunda variável independente analisada foi a realização do sujeito do verbo com o qual ocorria o futuro. O número de ocorrências para cada fator pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 2 – Realização do sujeito

| | FUTURO DO PRESENTE | | PERÍFRASE DE FUTURO | | PRESENTE-FUTURO | | Total de ocorrências |
|-----------------------------|--------------------|----|---------------------|----|-----------------|---|----------------------|
| | N.º | % | N.º | % | N.º | % | |
| SN pleno | 6 | 20 | 24 | 80 | 0 | 0 | 30 |
| Categoria vazia | 7 | 7 | 80 | 87 | 4 | 4 | 91 |
| Forma Pronominal | 6 | 4 | 106 | 86 | 10 | 8 | 122 |
| Sujeito indeterminado | 1 | 14 | 6 | 85 | 0 | 0 | 7 |
| Oração sem sujeito | 8 | 47 | 9 | 52 | 0 | 0 | 17 |
| Total de ocorrências | 28 | | 25 | | 14 | | 267 |

Os resultados mostraram que, quando a futuridade é expressa pelo futuro do presente ou pela perífrase, há realização do sujeito com todos os fatores propostos. No caso da variante presente-futuro, encontramos apenas ocorrências dos fatores categoria vazia e forma pronominal. Como mostram os resultados acima, a variante futuro do presente ocorre preferencialmente com o fator *oração sem sujeito* (8 ocorrências). Já a forma perifrástica e o futuro-presente preferem a *forma pronominal* (106 e 10 ocorrências, respectivamente). Embora não seja possível fazer generalizações, por se tratar de um estudo inicial, esse é um fator que se mostrou, de certa forma, relevante, sendo necessária uma investigação mais aprofundada.

A terceira variável independente analisada também foi a realização do sujeito, se [+/- humano]. O fator *não se aplica* foi estabelecido para as orações sem sujeito. A tabela abaixo mostra o número de ocorrências para cada fator:

Tabela 3 – Sujeito [+/- humano]

| | FUTURO DO PRESENTE | | PERÍFRASE DE FUTURO | | PRESENTE-FUTURO | | Total de ocorrências |
|-----------------------------|--------------------|----|---------------------|----|-----------------|---|----------------------|
| | N.º | % | N.º | % | N.º | % | |
| Sujeito + humano | 12 | 6 | 169 | 88 | 11 | 5 | 192 |
| Sujeito - humano | 9 | 14 | 46 | 80 | 3 | 5 | 58 |
| Não se aplica | 7 | 42 | 10 | 57 | 0 | 0 | 17 |
| Total de ocorrências | 28 | | 225 | | 14 | | 267 |

⁵ O pronome de tratamento *você* foi considerado na segunda pessoa do singular; conseqüentemente, *vocês* foi considerado segunda pessoa do plural. Seguindo a mesma linha analítica, o sintagma nominal *a gente* foi considerado primeira pessoa do plural.

Os resultados demonstram que para todas as variantes há preferência pelo sujeito [+ humano], já que este ocorre aproximadamente 72% das vezes. Consequentemente, se todas as variantes ocorrem preferencialmente com esse fator, significa que ele não interfere na escolha das variantes e, portanto, não é relevante.

Ainda em relação ao sujeito, na quarta variável, temos os fatores [+/- genérico]. O fator *não se aplica* também foi criado para os casos em que a oração não tinha sujeito. A tabela abaixo mostra o número de ocorrências de cada fator:

Tabela 4 – Sujeito [+/- genérico]

| | FUTURO DO PRESENTE | | PERÍFRASE DE FUTURO | | PRESENTE-FUTURO | | Total de ocorrências |
|-----------------------------|--------------------|----|---------------------|----|-----------------|---|----------------------|
| | N.º | % | N.º | % | N.º | % | |
| Sujeito + genérico | 7 | 7 | 85 | 89 | 3 | 3 | 95 |
| Sujeito - genérico | 14 | 8 | 130 | 84 | 11 | 7 | 155 |
| Não se aplica | 9 | 42 | 10 | 57 | 0 | 0 | 17 |
| Total de ocorrências | 28 | | 225 | | 14 | | 267 |

Os resultados mostram que o sujeito [- genérico] é o fator que mais se destaca nas três variantes. Assim como nos demais fatores, por não haver um subfator que interfira na escolha das variantes, não podemos considerá-lo relevante.

Na quinta variável independente, temos os fatores que se referem à presença ou à ausência de marcador temporal na sentença na qual ocorre o futuro. A tabela abaixo mostra o número de ocorrências para cada um desses fatores:

Tabela 5 – Presença ou ausência de marcador temporal

| | FUTURO DO PRESENTE | | PERÍFRASE DE FUTURO | | PRESENTE-FUTURO | | Total de ocorrências |
|-------------------------------|--------------------|----|---------------------|----|-----------------|---|----------------------|
| | N.º | % | N.º | % | N.º | % | |
| Presença de marcador temporal | 7 | 15 | 34 | 77 | 3 | 6 | 44 |
| Ausência de marcador temporal | 21 | 9 | 191 | 85 | 11 | 4 | 223 |
| Total de ocorrências | 28 | | 225 | | 14 | | 267 |

Os resultados obtidos demonstram que o fator mais recorrente nesta variável é a ausência de marcador temporal – aproximadamente 84%. Todas as variantes ocorrem, preferencialmente, sem a presença de um marcador temporal. Portanto, este é mais um fator não determinante na escolha das variantes.

Na sexta variável independente, os fatores analisados foram se o futuro expresso pelo verbo se tratava de um acontecimento que se tornaria real no momento posterior a fala ou se era uma hipótese. A tabela abaixo ilustra as ocorrências encontradas para cada um desses fatores:

Tabela 6 – Futuro real ou hipotético

| | FUTURO DO PRESENTE | | PERÍFRASE DE FUTURO | | PRESENTE-FUTURO | | Total de ocorrências |
|-----------------------------|--------------------|----|---------------------|----|-----------------|---|----------------------|
| | N.º | % | N.º | % | N.º | % | |
| Futuro real | 9 | 6 | 117 | 88 | 6 | 4 | 132 |
| Futuro hipotético | 19 | 14 | 108 | 80 | 8 | 5 | 135 |
| Total de ocorrências | 28 | | 225 | | 14 | | 267 |

Como se pode observar na tabela acima, o futuro real é a forma preferida apenas para a perífrase de futuro, ocorrendo em 52% dos casos. Embora a diferença seja pouco significativa, há um indicativo de que esse fator pode influenciar no uso da perífrase, sendo necessário um estudo mais aprofundado. Para as variantes “futuro do presente” e “presente-futuro”, o fator que se mostrou mais relevante foi o futuro hipotético.

A última variável analisada tem como objetivo avaliar o condicionamento do sexo do falante em relação à ocorrência das variantes analisadas. O fator *não se aplica* foi criado para as ocorrências de futuro na fala dos entrevistadores.

Tabela 7 – Sexo do falante

| | FUTURO DO PRESENTE | | PERÍFRASE DE FUTURO | | PRESENTE-FUTURO | | Total de ocorrências |
|-----------------------------|--------------------|----|---------------------|----|-----------------|---|----------------------|
| | N.º | % | N.º | % | N.º | % | |
| Masculino | 13 | 13 | 79 | 79 | 7 | 7 | 99 |
| Feminino | 9 | 6 | 119 | 88 | 6 | 4 | 134 |
| Não se aplica | 6 | 17 | 27 | 79 | 1 | 2 | 34 |
| Total de ocorrências | 28 | | 225 | | 14 | | 267 |

Como se pode observar na tabela acima, esse é um fator que se mostrou relevante. Os resultados obtidos demonstram que há a tendência de as mulheres usarem mais a variante perifrástica do que os homens. Temos 88% de uso da forma perifrástica para as mulheres, contra 79%, para os homens. E há a tendência de os homens usarem o futuro do presente – 13% – contra 6% para mulheres.

Dos fatores analisados, mostraram-se como mais relevantes a realização do sujeito, o futuro real ou hipotético e o sexo do falante. A perífrase parece ser condicionada pelo uso do futuro real e é mais utilizada pelas mulheres. Já o futuro do presente tem uma inclinação a ser usado em orações sem sujeito. Os demais fatores não se mostraram relevantes, sendo necessária uma análise qualitativa complementar para se tentar explicar, mais detida e profundamente, o fenômeno da variação na expressão de futuridade no português brasileiro.

5 Análise qualitativa dos dados

Como já relatamos anteriormente, temos como objeto de estudo, em nosso trabalho, o uso de algumas das formas que expressam futuridade no português brasileiro falado. São estas formas o futuro do presente do modo indicativo, a perífrase de futuro e o presente-futuro. Temos, ainda, como objetivo verificar a aplicabilidade da Sociolinguística Variacionista para além do nível fonológico, buscando identificar se há ou não igualdade semântica entre as três variantes com as quais trabalhamos. Vale lembrar que a Teoria da Variação de base laboviana defende que há equivalência semântica entre variantes concorrentes.

Diante disso, além de analisarmos nossos dados quantitativamente, empreendemos também uma análise qualitativa, a fim de identificar e estudar aspectos semântico-discursivos capazes de dar sustentabilidade a nossa análise.

Ao interpretar os dados encontrados, notamos que o falante opta por uma determinada variante de acordo com a necessidade comunicativa que advém do contexto discursivo. Além disso, seriam relevantes a situação à qual o falante se refere e outros aspectos sociais envolvidos no contexto de fala. Vimos, também, no decorrer da análise que, apesar de a Teoria da Variação ter alcançado grandes feitos para a Linguística e para o estudo do fenômeno da variação, na medida em que o considera como uma característica essencial à própria natureza da linguagem humana, a mesma teoria não consegue dar conta da variação em níveis mais altos. Vejamos o exemplo a seguir retirado de nossos dados:

(1) Se eu tô viajando, eu certamente **vou participar** de alguma, palestra, algum ato que eu **precisarei** de uma roupa mais formal. (NURC/RJ - inquérito 096)

Vemos, na ocorrência acima, que o mesmo falante opta por duas formas de futuro diferentes dentro de um mesmo período. Na primeira, “**vou participar**”, vemos que, além de destacar que a ação à qual se refere é futura em relação à situação hipotética sobre a qual ele fala, destaca também uma ideia de deslocamento presente na ação “vou participar”. Isso é possível, pois o próprio verbo “ir”, que compõe a perífrase de futuro *ir + infinitivo*, apresenta uma ideia de movimento que nos permite tal interpretação. Já na segunda forma futura utilizada, “**precisarei**”, não houve necessidade de expressar a ideia de deslocamento, possibilitando o uso do futuro do presente nesta situação.

A escolha das variantes também pode ser influenciada pelo grau de subjetividade. Assim como Ferrari & Alonso (2009), observamos que o uso da perífrase de futuro é mais subjetivo do que o do futuro do presente, como pode ser observado abaixo:

(2) a gente pensa que nunca **vai acontecer** com a gente... e aconteceu comigo... então:... eu acho que as/as leis pros... têm que mudar entendeu... éh:: (NURC/RJ – inquérito 25)

(3) É. Eu, felizmente, estou a caminho dos oitenta anos. **Farei** oitenta anos no ano que vem. E naturalmente tenho... faço um certo controle médico. (NURC/RJ – inquérito 71)

No exemplo (2), o falante apresenta sua visão da realidade, imprimindo alto grau de certeza ao fato de quem as pessoas pensam que nunca serão vítimas da violência. O uso do advérbio de negação – *nunca* – reforça a certeza que o falante tem. E, por causa dessa certeza, é possível inferir que os fatos apresentados se tornarão realidade, como de fato se tornam: o falante é vítima da violência.

Já no exemplo (3), o falante não apresenta sua visão da realidade, mas apenas retrata uma realidade que é futuramente certa. O ano seguinte ao momento da enunciação será o ano no qual o falante completará 80 anos.

Os exemplos acima demonstram que as formas variantes de expressão da futuridade no português brasileiro não podem ser consideradas como equivalentes semânticas, se seguirmos a definição proposta por Labov (1972), visto que, ao usar a perífrase de futuro, o falante faz uma projeção da realidade a partir de seu ponto de vista, o que não acontece com o uso do futuro morfológico, ou seja, se fossem duas formas diferentes de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, não haveria essa diferenciação semântica.

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos fazer uma análise variacionista acerca da expressão de futuridade no português brasileiro falado, visto que não há trabalhos que seguem o viés variacionista sobre este assunto.

Ao analisarmos as variantes que expressam futuridade com base no aporte teórico da Sociolinguística Variacionista, constatamos as mesmas implicações teórico-metodológicas apontadas por Freitag (2009), a saber: a frequência, a equivalência semântica e a necessidade de interface teórica. Assim como previsto pela autora, a frequência dos dados foi baixa, já que atestamos apenas 267 ocorrências, que, por diferenciações semânticas em seus usos, não puderam

ser consideradas equivalentes, tampouco foram passíveis de análise apenas a partir de uma metodologia quantitativa, sendo necessária uma análise qualitativa complementar.

Embora não tenhamos descoberto todos os fatores que condicionassem o uso das variantes, pudemos perceber algumas tendências, como, por exemplo, a de as mulheres usarem mais futuro que os homens e também uma maior ocorrência de perífrase com futuro real.

Neste trabalho, buscamos mostrar que o fenômeno da variação nos níveis discursivo-pragmáticos, embora encontre certas restrições, é passível de ser aferido se associamos as metodologias quantitativa e qualitativa. Além disso, pudemos verificar que a discussão levantada por Lavandera (1978) é extremamente pertinente quando se trata de analisar o fenômeno da variação em níveis gramaticais mais altos.

Referências

- BARBOSA, J. B. A expressão do futuro no português brasileiro contemporâneo. *Revista eletrônica do Instituto de Humanidades*, UNIGRANRIO, out-dez, 2007
- FREITAG, R. M. K. Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan/jun, 2009
- FERRARI, L.V. & ALONSO, K. S. B. Subjetividade e construções de futuro no português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, 53: 223-241, 2009
- GUY, G. & ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language in Society*, n. 7, 1978.
- LABOV, W. Quantitative reasoning in linguistics. *Linguistics*, 563, 2008
- _____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2009 [1972]
- LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004
- MACAULAY, R. Discourse Variation. In: Chambers, J. K.; Trudgill, P. & Schilling-Estes, N. *The Handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004.
- MARTELOTTA, M. E. (orgs) *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MOLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003
- MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SILVA, A. F. *A expressão da futuridade na língua falada*. Tese de doutorado. Campinas, UNICAMP, 1997
- WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. (trad. Marcos Bagno). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

Aceito para publicação em 15 de novembro de 2010.